

Maio 2026

CARTA MENSAL



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente, //

Gilberto Kfour Jr.
Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil



ECONOMIA



- Andressa Castro -

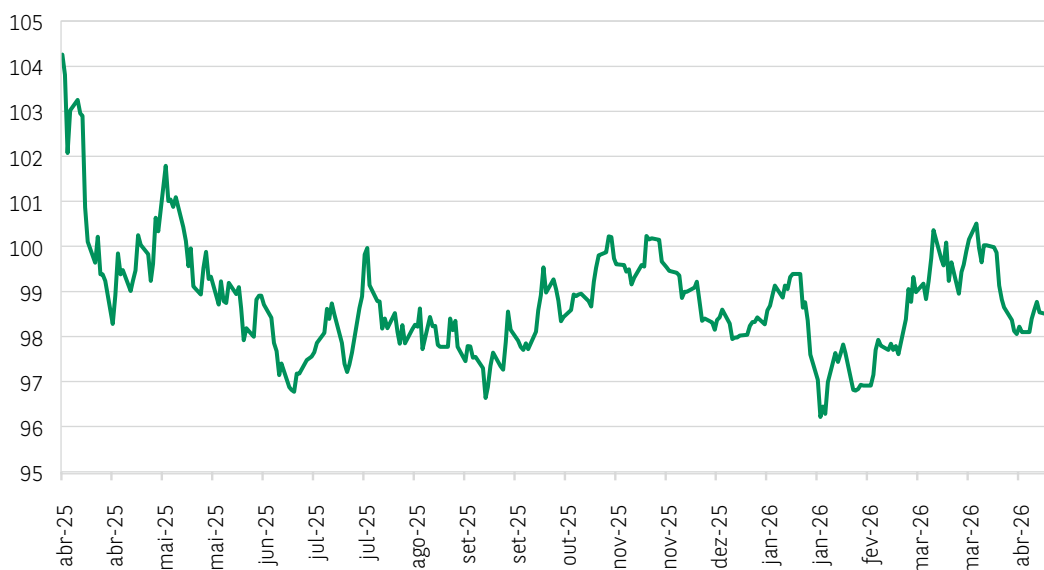
Economista-chefe

// NA RODADA MAIS RECENTE DE DECISÕES DE POLÍTICA MONETÁRIA ENTRE OS PRINCIPAIS BANCOS CENTRAIS DE PAÍSES DESENVOLVIDOS, PREVALECEU-SE UMA ESTRATÉGIA DE 'GANHAR TEMPO' //

ECONOMIA INTERNACIONAL

Ao longo do mês de abril, observamos uma deterioração adicional nos preços do petróleo, refletindo a intensificação do conflito entre Estados Unidos e Irã. A incerteza quanto ao cenário econômico, bem como volatilidade dos ativos, permanece associada ao frágil cessar-fogo, aos bloqueios impostos por ambas as partes no estreito de Ormuz e à ausência de definição em relação ao programa nuclear iraniano. Nesse contexto, o dólar apresentou enfraquecimento frente às principais moedas globais, enquanto a bolsa americana registrou recuperação após a queda observada em março. Simultaneamente, as taxas de juros de mercado, tanto em economias desenvolvidas quanto emergentes, sofreram pressão altista, refletindo a piora das perspectivas inflacionárias decorrentes do choque de preços.

Gráfico 01
Índice DXY



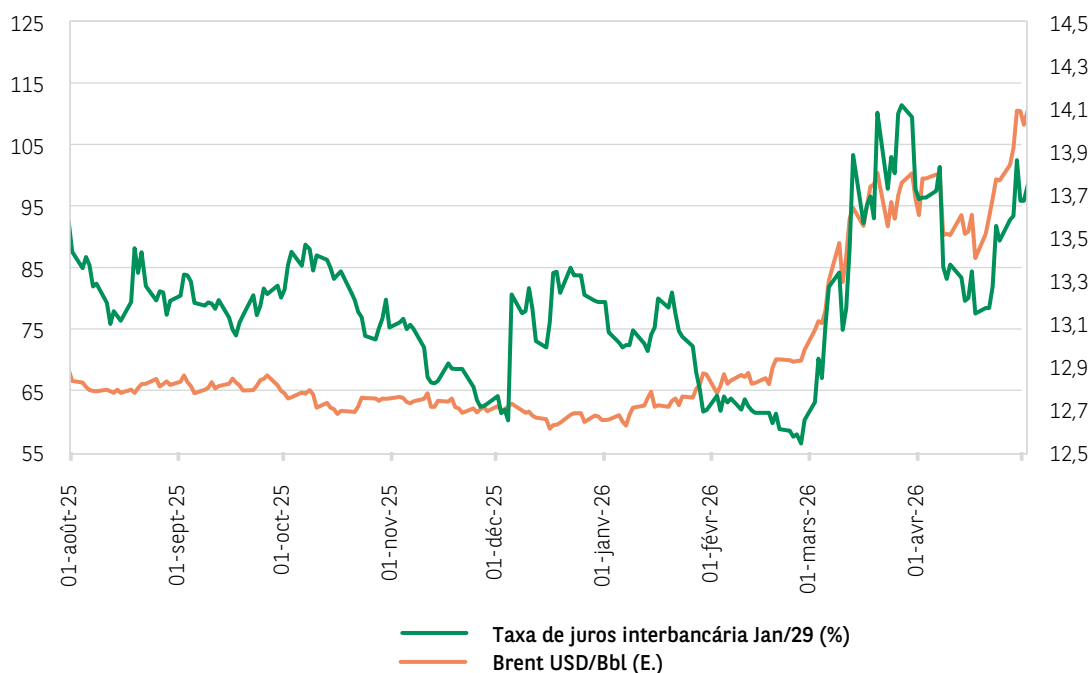
Na rodada mais recente de decisões de política monetária entre os principais bancos centrais de países desenvolvidos, incluindo Estados Unidos, Zona do Euro, Reino Unido, Canadá e Japão, prevaleceu uma estratégia de “ganhar tempo”. As autoridades optaram por manter as taxas de juros inalteradas, ao mesmo tempo em que adotaram uma comunicação mais dura diante do risco de prolongamento do choque de petróleo e de seus efeitos inflacionários. Como consequência, o mercado deixou de precificar cortes de juros pelo Federal Reserve (“Fed”) até o final do ano e passou a incorporar a possibilidade de elevação das taxas nas próximas reuniões do Banco Central Europeu (“BCE”), do Banco da Inglaterra e do Banco do Japão.

// A PERSISTÊNCIA DO CONFLITO ELEVA O RISCO DE IMPACTOS MAIS DURADOUROS SOBRE A INFLAÇÃO, INCLUSIVE POR MEIO DA DESANCORAGEM DAS EXPECTATIVAS //

ECONOMIA BRASILEIRA

No Brasil, o debate doméstico também tem sido pautado pelos impactos da alta do petróleo sobre a economia e pela eventual resposta da política monetária a esse choque. Questões relacionadas ao ciclo eleitoral e às medidas fiscais adotadas recentemente, visando o aumento da popularidade do governo, perderam relevância no curto prazo, enquanto os ativos domésticos têm respondido predominantemente ao ambiente global e à dinâmica do preço do petróleo. O real apresentou apreciação, impulsionado pela depreciação global do dólar, pela melhora da balança comercial e pelo diferencial de juros elevado. Ainda assim, os efeitos inflacionários do choque permanecem significativos, pressionando tanto a inflação implícita quanto a curva de juros doméstica.

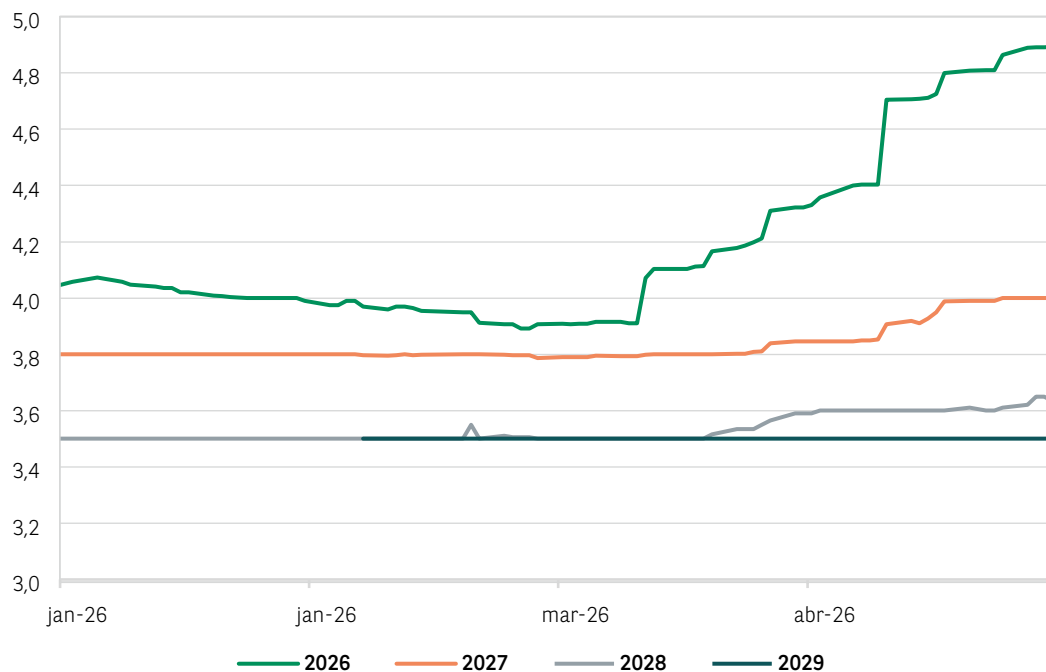
Gráfico 02
Juros Brasil vs Preço Petróleo (Brent)



Fonte: Bloomberg 30/04/2026

As expectativas de inflação estão avançando na pesquisa Focus, com os economistas incorporando efeitos primários e secundários em suas projeções. A persistência do conflito eleva o risco de impactos mais duradouros sobre a inflação, inclusive por meio dessa desancoragem das expectativas. Na ata da última reunião de política monetária, o Banco Central do Brasil ("BCB") explicitou sua preocupação com essa deterioração das expectativas, especialmente das mais longas, de 2028, que sinalizam uma perda de credibilidade da autoridade monetária em relação ao combate à inflação mesmo após a dissipação dos choques.

Gráfico 03 Mediana das expectativas de inflação no Focus (%)



Fonte: Pesquisa Focus BCB 30/04/2026

Em linha com seus pares internacionais, o BCB também tem adotado uma postura de maior cautela, privilegiando o ganho de tempo. A autoridade segue com o ciclo de calibragem, promovendo cortes graduais de 25 pontos-base (“bps”) na taxa Selic, enquanto acumula evidências adicionais sobre a magnitude e a persistência do choque. Ainda assim, sinalizou que a trajetória de juros implícita na pesquisa Focus — com Selic em 13% em 2026 e 11% em 2027 — não seria suficiente para conduzir a inflação à meta no horizonte relevante, caso os preços do petróleo se mantenham nos níveis observados à época da última reunião. Nesse cenário, os modelos do BCB indicam inflação próxima de 3,5% ao final de 2027, o que implicaria a necessidade de interrupção do ciclo de cortes em torno de 14%, caso a normalização dos preços não se materialize.

Entretanto, trabalhamos com um cenário-base mais benigno, no qual o conflito é resolvido até o terceiro trimestre. Nessa hipótese, a dissipação do choque de petróleo, aliada à apreciação cambial, tende a contribuir para o arrefecimento das pressões inflacionárias, abrindo espaço para a continuidade do processo de flexibilização monetária ao longo do horizonte relevante.

RENDA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// ... A PREOCUPAÇÃO NÃO É COM O CHOQUE EM SI, MAS COM SUA PERSISTÊNCIA E CAPACIDADE DE DESANCORAR EXPECTATIVAS. //

O cenário segue desafiador. E os preços refletem isso.

Mais um mês se passou sem que o conflito no Oriente Médio encontrasse um desfecho. Ainda que não tenha havido uma dinâmica clara de escalada, a simples ausência de resolução foi suficiente para manter o preço do petróleo em patamar elevado. O barril do petróleo (Brent) teve preço médio de USD 102,46 em abril, frente a USD 98,42 em março. O problema central não é apenas o nível em si, mas o tempo. Quanto mais prolongada for essa condição, maior a probabilidade de que a inflação se espalhe pela economia, aumentando a pressão para que o BCB adote uma postura mais conservadora na condução da política monetária.

Há indícios de que esse processo já tenha começado. A inflação corrente interrompeu a dinâmica mais benigna observada antes da guerra, e as duas últimas divulgações — o IPCA de março e o IPCA-15 de abril — revelaram uma deterioração qualitativa dos dados. No atacado, o IGP-M de abril avançou 2,73%, reforçando o receio de repasses de custos ao consumidor à frente. Em paralelo, as expectativas inflacionárias mais longas começaram a se deteriorar. A expectativa para o IPCA de 2028, medida pela pesquisa Focus, passou de 3,50% antes da guerra para 3,64%, uma oscilação que guarda pouca relação com a dinâmica de curto prazo do petróleo. Trata-se de um movimento mais associado ao risco de propagação inflacionária persistente, o que exige atenção especial por parte do BCB.

Esse quadro foi sendo rapidamente incorporado aos preços de mercado, sobretudo no segmento de juros. A taxa terminal implícita foi revisada de forma significativa para cima, situando-se atualmente pouco abaixo de 14%, o que equivale a um ciclo de apenas cerca de 100 bps de corte. Trata-se de uma mudança relevante em relação ao consenso predominante apenas alguns meses atrás e reflete um aumento expressivo da aversão ao risco inflacionário.

E a partir desse ponto, os riscos se distribuem de forma assimétrica. O risco mais evidente é uma eventual escalada do conflito, hipótese que segue em aberto enquanto durar a guerra. Por fora, começa a ganhar visibilidade a possibilidade de ocorrência do fenômeno climático El Niño, que historicamente eleva riscos inflacionários ao afetar a oferta de alimentos por meio de alterações no regime de chuvas e na produtividade agrícola. Soma-se a isso a questão dos fertilizantes, cujos preços também sofrem pressões relevantes em contextos bélicos e são insumos essenciais para a cadeia alimentar, ampliando o risco de inflação de alimentos mais persistente.

O tema eleitoral, por ora, ainda não ocupa o centro das atenções dos investidores, fortemente concentrados nos desdobramentos geopolíticos. No entanto, a tendência é que a disputa presidencial ganhe espaço na agenda ao longo dos próximos meses e, dada a natureza acirrada do pleito, a volatilidade associada a esse fator parece contratada.

Por outro lado, mesmo na ausência de uma resolução formal do conflito, é possível que passemos por um processo de acomodação, fenômeno observado com relativa frequência em episódios semelhantes, como ocorreu recentemente na guerra entre Rússia e Ucrânia. A estrutura atual da curva futura de petróleo, em backwardation — com preços spot acima dos preços futuros — é consistente com essa leitura. Além disso, a história dos choques do petróleo sugere que, quando o recuo ocorre, ele tende a ser significativo.

No meio dessa complexidade, é natural observar padrões divergentes na precificação dos riscos. No momento, as bolsas parecem mais otimistas, flertando com máximas históricas e pouco sensíveis à hipótese de um desaquecimento econômico mais acentuado decorrente do petróleo caro. Já o mercado de juros embute praticamente todo o pessimismo inflacionário em suas curvas, motivado exatamente pelo mesmo choque de custos. A história dirá qual narrativa se mostrará mais aderente à realidade.

Diante desse ambiente, não alteramos nossas posições. A estratégia permanece mais equilibrada entre juro pré-fixado e NTN-Bs. Entendemos que o orçamento de queda implícito na curva de juros é relativamente pequeno, mas também reconhecemos que a volatilidade elevada recomenda cautela adicional no posicionamento. Seguimos, portanto, privilegiando disciplina e gestão de risco, aguardando maior clareza antes de assumir exposições direcionais mais contundentes.

CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// SETORIALMENTE, SEGUIMOS PRIVILEGIANDO CRÉDITO BANCÁRIO, REFLEXO DA REDUÇÃO DO DIFERENCIAL DE PRÊMIO ENTRE ATIVOS BANCÁRIOS E CORPORATIVOS E DA MENOR OFERTA DE EMISSÕES CORPORATIVAS. //

Após o pico de atividade em março, o mês de abril foi marcado por um ambiente mais cauteloso no mercado de crédito, com aberturas de spreads, eventos de crédito e retomada dos resgates. O mercado primário perdeu força, com volume de R\$ 44 bilhões em emissões (40% distribuídos) e redução das ofertas em andamento para R\$ 73,8 bilhões. No mercado secundário, o volume negociado recuou para R\$ 113,6 bilhões (-17,2% vs. março), interrompendo a tendência de alta observada no trimestre anterior. Os fluxos da indústria inverteram a tendência, com resgates líquidos de R\$ 8,0 bilhões nos fundos CDI+ e R\$ 8,5 bilhões nos fundos de infraestrutura, refletindo um ambiente de menor apetite a risco.

Em termos de spreads, observamos comportamento distinto entre segmentos: no CDI+, a mediana apresentou leve fechamento para CDI + 1,12% (-6 bps), enquanto no mercado de infraestrutura houve abertura relevante, com NTN-B +0,04% (vs. -0,19%). O mês também foi marcado por maior dispersão de risco, com destaque para a reprecificação de emissores ligados ao setor de saneamento, cujos spreads abriram de forma significativa.

Nas carteiras de crédito CDI+, mantemos abordagem seletiva, com *duration* alvo de até 2 anos e maior atuação em operações bilaterais. Setorialmente, seguimos privilegiando crédito bancário, dada a menor oferta no mercado corporativo e o atual estágio de reprecificação dos spreads. Mantemos postura cautelosa diante de um cenário ainda pressionado por juros elevados, eventos de crédito e volatilidade macro.

Na estratégia de infraestrutura, seguimos buscando capturar o nível mais atrativo de taxas reais. Acreditamos que títulos atrelados à inflação, especialmente em *duration* intermediárias, continuam oferecendo oportunidades interessantes de diversificação em carteiras de longo prazo.

RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// DESTACÁVAMOS, DESDE O INÍCIO DO ANO, QUE 2026 SERIA MERCADO POR MAIOR VOLATILIDADE NOS MERCADOS. SEGUIMOS ATENTOS A TEMAS QUE DEVEM CONTINUAR GERANDO OSCILAÇÃO RELEVANTE PARA OS MERCADOS. //

O mês de abril seguiu sendo fortemente influenciado pela evolução do conflito geopolítico e, sobretudo, por suas repercussões sobre o mercado de petróleo. Ao longo do mês, observamos uma mudança gradual no tom das notícias, com o surgimento de sinais mais construtivos relacionados à possibilidade de um cessar-fogo, o que ajudou a reduzir parte da tensão observada nos preços da energia. Ainda assim, como temos destacado nas comunicações anteriores, a extensão do conflito no tempo segue sendo motivo de atenção, uma vez que, quanto mais prolongada a guerra, maiores se tornam os riscos associados aos efeitos de segunda ordem, especialmente aqueles ligados a restrições na oferta de commodities, impactos sobre a atividade econômica global e pressões inflacionárias mais persistentes.

Mesmo com a leitura marginalmente mais positiva ao longo do mês, os mercados continuaram a operar sob elevada volatilidade, refletindo a dificuldade de se estabelecer um novo patamar de equilíbrio para o preço do petróleo e para as expectativas macroeconômicas associadas a ele. A incerteza quanto ao nível estrutural da commodity após esse choque recente segue como um dos principais vetores de risco para os ativos globais, influenciando de forma direta as curvas de juros, os fluxos de capitais e o comportamento das moedas, especialmente nos países emergentes.

Após ter superado o desempenho dos mercados globais durante a maior parte deste ano, o Ibovespa (alta de 4% em dólares, mas queda de 0,1% em reais) apresentou desempenho inferior ao do índice S&P 500 (+9,2%) e ao de seus pares de mercados emergentes (+10,4%) em abril — ainda assim, teve performance melhor do que a de seus pares latino-americanos.

No caso do Brasil, o impacto desse ambiente externo seguiu relativamente favorável no câmbio. O real continuou se fortalecendo ao longo do mês e voltou a ser reconhecido como uma das moedas de melhor performance no cenário internacional, beneficiado por uma combinação de fatores. Entre eles, destacam-se a elevada exposição da economia brasileira às exportações de petróleo, o diferencial de juros ainda bastante atrativo para operações de carry trade e o fato de o país estar relativamente distante, do ponto de vista geopolítico, dos principais focos de tensão global. Esse conjunto de fatores acabou sustentando fluxos para o mercado local, ao menos na primeira metade do mês.

Por outro lado, tanto o mercado de juros quanto a bolsa apresentaram um comportamento bastante volátil ao longo de abril. Em determinados momentos, observamos melhora no desempenho dos ativos domésticos, acompanhando movimentos de redução temporária do prêmio de risco global. No fechamento do mês, contudo, essa volatilidade acabou resultando em uma performance próxima da estabilidade, com mercados praticamente no zero a zero. No que diz respeito ao fluxo estrangeiro às ações brasileiras, os investidores estrangeiros voltaram a registrar saldo comprador no mês passado (R\$ 6,9 bilhões), elevando os ingressos acumulados no ano para R\$ 60 bilhões. Ainda assim, observa-se uma tendência clara de desaceleração, uma vez que abril registrou o menor volume de entradas

nos primeiros quatro meses do ano. A performance mais fraca das ações brasileiras (relativas as americanas) em abril pode ser atribuída, em grande parte, à decisão dos investidores estrangeiros de realizar parte dos lucros: somente na última semana do mês, os estrangeiros venderam o equivalente a R\$ 4,6 bilhões líquidos em ações brasileiras, apesar de ainda terem fechado o mês como compradores líquidos (mais detalhes sobre fluxo adiante).

Do ponto de vista microeconômico, abril foi marcado pela continuidade da temporada de resultados, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. No mercado doméstico, os números divulgados trouxeram um quadro heterogêneo entre os setores. Chamou atenção, de forma negativa, o desempenho das empresas de mineração e de papel e celulose, cujos resultados vieram abaixo das expectativas do mercado, refletindo uma combinação de fatores operacionais e de aumento de custos. Esse movimento teve impacto relevante sobre os índices, dada a participação significativa desses setores na composição do mercado acionário brasileiro.

De forma mais ampla, a dinâmica de resultados seguiu reforçando a tendência de revisões de lucro para cima nas empresas com maior exposição ao petróleo e a outras commodities que apresentaram valorização relevante nos últimos meses. Em contrapartida, observamos sinais de desaceleração nos resultados de companhias mais sensíveis ao aumento dos custos de matérias-primas, evidenciando o efeito negativo de insumos mais caros sobre margens e rentabilidade. Esse contraste tem sido um elemento importante na diferenciação de performance entre setores e empresas, reforçando a importância de uma análise fundamentalista criteriosa.

Nesse contexto, continuamos a identificar oportunidades interessantes do ponto de vista de valuation em diversos ativos, com destaque para as empresas de menor capitalização. O segmento de Small Caps permanece negociando em níveis historicamente deprimidos em relação ao Ibovespa, atingindo o menor patamar relativo entre os dois índices. Esse movimento é explicado, em parte, por características estruturais desse universo, como a menor presença de empresas exportadoras de commodities, um perfil de crescimento mais acentuado — e, portanto, maior sensibilidade à taxa de desconto — além de uma alavancagem média superior à do índice amplo. A ausência de fluxo estrangeiro consistente e uma menor participação do investidor local acabam mantendo esses ativos descontados, com múltiplos abaixo dos observados no Ibovespa, uma configuração que foge ao padrão histórico.

Olhando adiante, seguimos atentos a temas que devem continuar gerando volatilidade relevante para os mercados. A definição sobre quando e de que forma o conflito geopolítico será encerrado, bem como a determinação de um novo nível normal para o preço do petróleo após os movimentos recentes, permanecem como as principais incógnitas. A depender da evolução desses fatores, poderemos observar mudanças importantes nas expectativas de inflação, na condução da política monetária global e na alocação de capital entre regiões e classes de ativos.

Diante desse cenário, cabe reforçar que já destacávamos, desde o início do ano, que 2026 seria marcado por maior volatilidade nos mercados. Os eventos recentes acabaram antecipando essa dinâmica, trazendo para o curto prazo movimentos que esperávamos observar de maneira mais gradual ao longo do ano. Nesse contexto, mantemos nossa preferência por uma alocação equilibrada, que privilegie empresas de alta qualidade, com fundamentos sólidos, boa governança e capacidade consistente de geração de caixa. Não adotamos, neste momento, um filtro setorial rígido, priorizando a seleção de ativos que combinem essas características com níveis de valuation mais atrativos.

Seguiremos monitorando de forma contínua as variáveis macroeconômicas, os desdobramentos políticos e as condições de liquidez, tanto no ambiente doméstico quanto internacional. Essa disciplina nos permite ajustar as carteiras de maneira ágil, buscando proteger o portfólio em períodos de maior estresse e, ao mesmo tempo, capturar oportunidades que surgem em cenários de maior volatilidade, sempre com foco na preservação de capital e na geração de valor no longo prazo.

FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

// ENQUANTO O CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO ALTERA A POSTURA DOS BANCOS CENTRAIS AO REDOR DO MUNDO, OS MERCADOS LOCAIS SE MANTÊM RESILIENTES. //

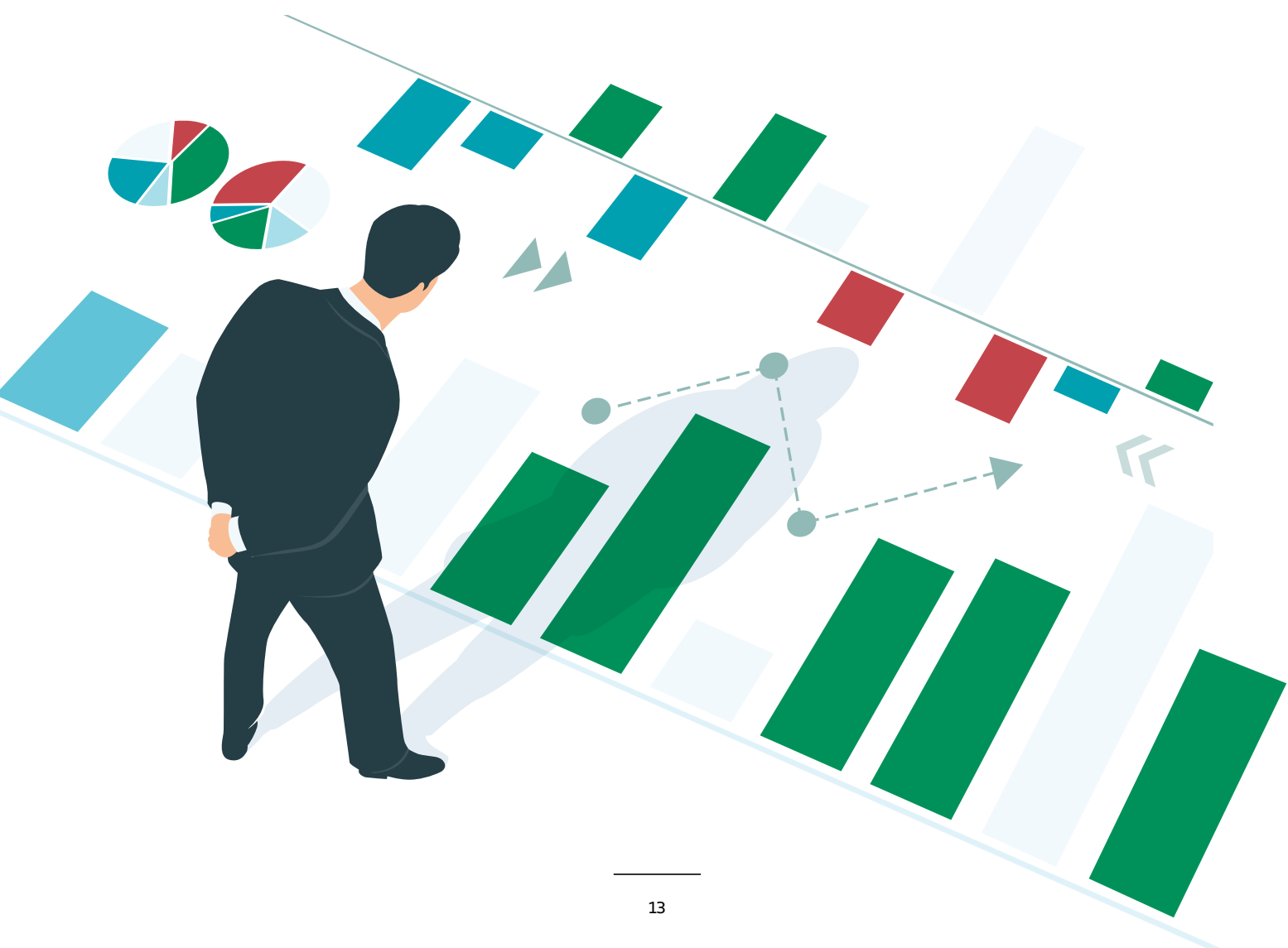
Em abril, o conflito entre Estados Unidos e Irã continua a ser o motor da incerteza nos mercados. Após o cessar-fogo de meados de abril, a volatilidade diminuiu, mas o estreito de Ormuz permanece fechado, mantendo o preço do petróleo próximo ao recorde alcançado no início do ano. Os agentes de mercado operam em modo de espera: a reabertura rápida do estreito implicaria um efeito transitório de alta de custos de energia, enquanto um fechamento prolongado tornaria o choque de oferta mais estrutural, elevando o risco de pressões inflacionárias de segunda ordem, desaceleração abrupta ou mesmo recessão.

Nos EUA, o Fed manteve a postura neutra, abandonando a sinalização de cortes e indicando que as taxas permanecerão estáveis por um período prolongado. O BCE manteve as taxas, embora tenha deixado em aberto a possibilidade de aumento em junho, caso o preço do petróleo permaneça elevado. Banco Central do Reino Unido, Banco Central da Austrália e Banco Central do Japão continuam em viés hawkish, reforçando a divergência entre a política monetária americana dos demais países desenvolvidos.

Os ativos de risco do Brasil têm se mantido relativamente resilientes. O país, como exportador líquido de petróleo, beneficia-se da alta dos preços internacionais, enquanto a taxa Selic ainda elevada protege a moeda de fortes saídas de capitais. Contudo, a elevação dos preços de combustíveis tem comprimido ainda mais o espaço para novos cortes. A projeção de IPCA apontada no Relatório Focus levantou as expectativas de inflação de 2026 para 4,90%, colocando pressão sobre as decisões do BCB. O Comitê de Política Monetária ("COPOM") cortou 25 bps e sinalizou que o ritmo de corte e a taxa ao final do ciclo dependem dos dados correntes e da duração do conflito no Oriente Médio e seus impactos sobre as expectativas de inflação. O Ibovespa tem apresentado desempenho positivo, refletindo tanto a atratividade dos juros quanto a distância geográfica do conflito.

ÍNDICES

| | CDI | IRF-M | IMA Geral | IMA-B | IMA-B 5 | Dólar | Ibovespa | IBX | SMLL |
|-----------------|--------|--------|-----------|--------|---------|---------|----------|--------|--------|
| Abril | 1,09% | 1,24% | 1,34% | 1,81% | 1,32% | -4,51% | -0,08% | -0,13% | -3,16% |
| 2026 | 4,54% | 3,63% | 4,44% | 4,85% | 5,23% | -9,68% | 16,26% | 16,40% | 2,41% |
| 12 meses | 14,83% | 13,69% | 13,97% | 12,35% | 11,98% | -12,61% | 38,69% | 38,98% | 13,33% |



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7Des15999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. AbriU/2026. CP 13.2026

VIEWPOINT



BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT